

Lula exige aliança para se candidatar

Líder petista admite disputar com FHC em 98 desde que o PT aceite união com partidos de centro

Rio - O líder petista Luiz Inácio Lula da Silva saiu do muro e, pela primeira vez, disse ontem publicamente que deseja ser pela terceira vez o candidato do PT à Presidência da República. Ele prepara para este fim de semana um discurso no plenário do 11º Encontro Nacional do partido, no Hotel Glória, no Rio, no qual vai impor condições para aceitar a missão. Além de exigir uma sintonia no discurso das diversas tendências do partido, vai dizer que voltará para casa se o PT não deixá-lo à vontade para costurar alianças com a esquerda e com políticos de partidos de centro, como o PSDB e o PMDB.

Um desses líderes, segundo o próprio Lula, é o ex-ministro e ex-governador Ciro Gomes, hoje filiado ao PSDB e cotado como possível candidato a presidente pelo PSB. "Estou muito à vontade para dizer que gostaria de enfrentar o presidente Fernando Henrique Cardoso nesse momento em que ele já não pode mais mentir para a sociedade brasileira com aquela cara de santo que fez em 1994, cobrando dele a ausência de políticas sociais e os compromissos que ele tem com os setores mais representativos do poder econômico, em detrimento dos excluídos", disse Lula.

A terceira candidatura de Lula é uma unanimidade entre os petistas que participam do encontro. Ao ter seu nome mencionado pelo presidente do partido, José Dirceu, na abertura do encontro, ele foi aplaudido aos gritos de "Brasil urgente, Lula presidente". Em entrevista, Lula defendeu que o encontro decida que o PT tenha candidato próprio à Presidência. A possibilidade de apoiar alguém de outra legenda fica sepultada.

Pacote - Continua viva, no entanto, a intenção dos petistas moderados, entre os quais se inclui Lula, de submeter as alianças regionais para as eleições de 1998 à direção nacional. Segundo Lula, o PT precisa "elaborar um pacote" que possibilite um acordo que leve em conta os interesses dos partidos aliados nos estados. A idéia será bombardeada em plenário pelos indicados.

"Defendo que as políticas regionais

sejam subordinadas à orientação nacional, senão não há aliança política, cada um vai tentar puxar o cordão para seu lado e a coisa não funciona", afirmou. Apesar de investido na condição de candidato virtual do PT, Lula continua reprovando a idéia de que o partido lance seu nome agora, ao contrário do que defendem a esquerda do partido e personagens como o ex-prefeito de Porto Alegre, Tarso Genro.

Campanha - Segundo Tarso, o fato de Lula não descartar oficialmente sua candidatura fará com que ela fique implícita e abrirá espaço para que os petistas já comecem a campanha. "Na minha opinião, ele já é nosso candidato", disse Tarso. "O tempo do Tarso é diferente do meu", disse Lula, referindo-se às declarações de Tarso de que só aceitaria substituir Lula se a escolha do candidato fosse feita agora, já que pretende ser candidato a governador do Rio Grande do Sul.

Lula classificou como natural a existência de diversas correntes de pensamento no partido, "o que não é natural é que, terminado o encontro, a gente não crie um pacto de unidade, todos falando a mesma língua em defesa do que foi aprovado", cobrou Lula.

Divergência - O líder petista também destoou de Tarso Genro ao fazer comentários sobre Ciro Gomes. Tarso voltou a comparar Ciro ao ex-presidente Fernando Collor de Mello, afirmando que o ex-governador do Ceará bate mais no PT e na esquerda do que no Governo federal. "Se ele continuar como está, é melhor que não esteja conosco", afirmou Tarso.

"Acho correta a crítica que Ciro tem feito ao governo Fernando Henrique. Ele seria uma das soluções para a sociedade se rompesse o cordão umbilical com o PSDB. De qualquer forma, está dando uma contribuição. Prefiro Ciro como aliado do que como adversário. Ele pode não ser um aliado com 70% ou 50%", disse Lula.